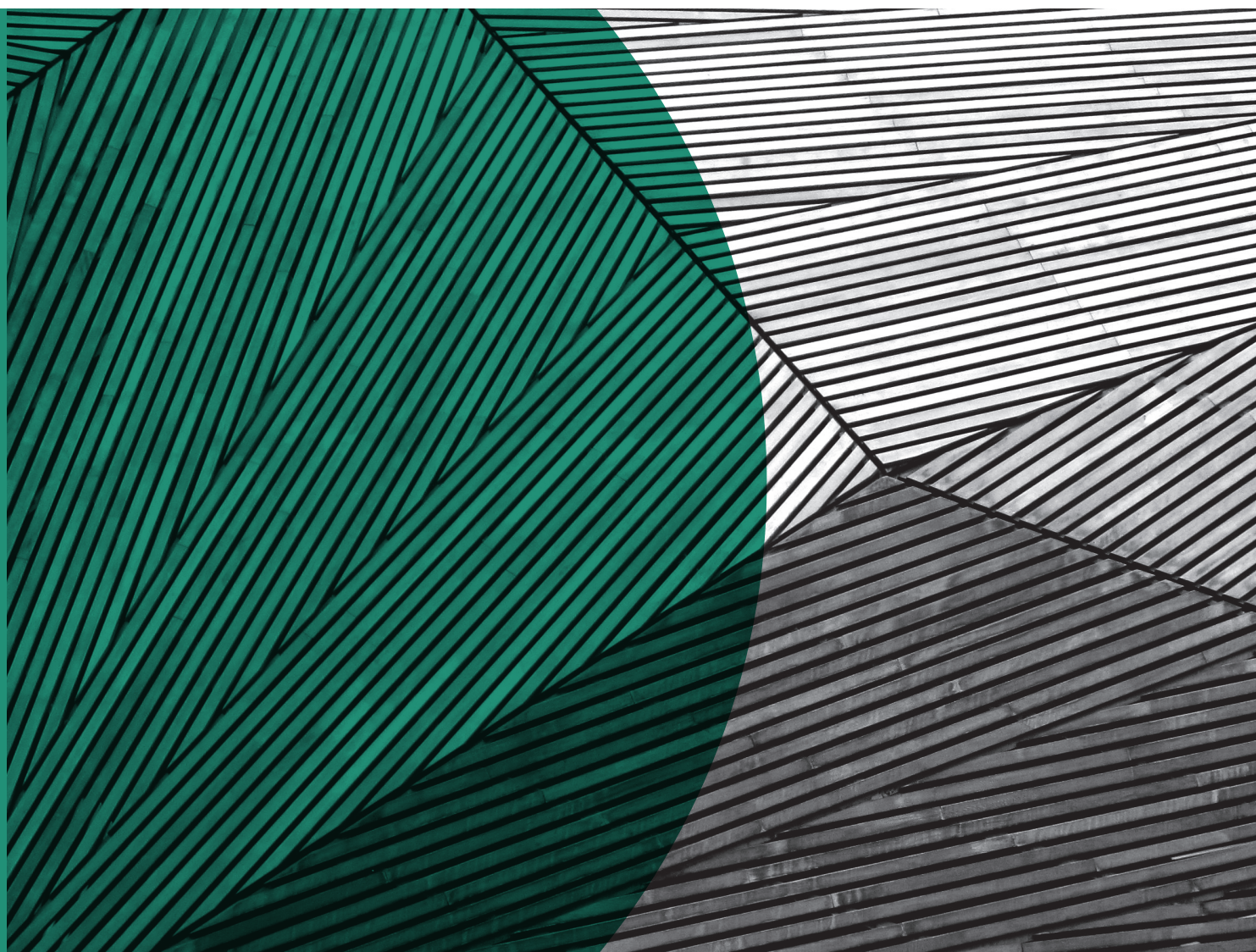


CIÊNCIAS E ARTES: LADO A LADO

CLÁUDIA MARIA DA COSTA GONÇALVES



:

CIÊNCIAS E ARTES: lado a lado

Cláudia Maria da Costa Gonçalves*

“Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim
um cidadão do mundo.”

(Sócrates)

“Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
- Meu tempo é quando. ”

(Vinicius de Moraes – Poética)

As ciências e as artes têm muitos pontos de intercessão. Não poderia mesmo ser diferente...

O cientista deve carregar consigo, como dizia Bourdieu, uma grande ambição, aliada a uma extrema humildade¹. Parece que as folhas de um livro ou as teclas de um computador, conduzidas sempre pelos olhos inquietos do cientista, querem dar conta do mundo. O mesmo acontece quando se assiste, por exemplo, a uma peça de teatro. Abertas as cortinas, o fato então narrado, entrega-se generosamente ao público. Cada um apropria-se dele, dando-lhe novas feições. Há nisso tudo alguma coisa de solidariedade e, bem por isso, de partilha.

¹* Pós-Doutora em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Mestre e Doutora em Políticas Públicas – UFMA. Prof.^a Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (Departamento de Direito. Direito Constitucional e Direito Administrativo e Direitos Humanos – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas – Mestrado e Doutorado). Procuradora do Estado do Maranhão. Ex-Procuradora Federal. Ex-Advogada da União.

Penso então: ciências e artes são partilhas... Talvez, mais do que isso, sejam entregas.

Devo advertir, contudo, que não pretendo discutir ciências e artes. Este texto têm apenas como propósito estabelecer um breve percurso - ou quem sabe um rápido diálogo – entre algumas teses científicas e certas passagens literárias. A experiência da vida proporciona esses encontros. Vamos, então, a eles.

“Escrevo com sangue” dizia Nietzsche ². As dores, já não demonstradas em público, encontram também ecos nas mãos do poeta:

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.

...
Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha do menino doente....³

Em meu sentir, há um inesperado encontro entre a ciência propositiva de Nietzsche e as palavras docemente arrançadas por Mário Quintana.

O século XXI, pelo menos em seu princípio, é o “século da quantidade” ⁴. Tudo numericamente definido (metas, relatórios, cifras, senhas)... As palavras cedem espaço aos números. O que sinto ou o que tenho?

Agora, tudo está muito fluido, líquido⁵, sem sentido talvez. A inquietude arrasa as horas. Já não se pede necessariamente alegria, mas paz! Lembro o “murmúrio” de Cecília Meireles:

Traze-me um pouco das sombras serenas
Que as nuvens transportam por cima do dia!
Um pouco de sombra, apenas,

² NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. 9. ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1998.

³ QUINTANA, Mário. A rua dos cataventos. In: *80 anos de poesia*. 13ed.. Tânia FRANCO, Carvalhau (Org). São Paulo:Globo, 2008 p 29.

⁴ Uso, aqui, “ século da quantidade” em uma espécie de analogia com a expressão “era”, tantas vezes referida por Eric HOBBSAWM, v.g., “ *A era das revoluções*”: 1789 – 1848.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

- Vê que nem te peço alegria
.....⁶

A busca move as ciências e as artes. “[...] Falar da humanidade como a unidade global de sobrevivência é perfeitamente realista nos dias atuais [...]”⁷, registrou Norbert Elias. Por outro lado, o movimento dos séculos e o desejo de romper fronteiras, fez Saramago também refletir:

A pátria, senhor, Nunca a viste, perguntou o comandante lançando-se num raptó lírico, vês aquelas nuvens que não sabem aonde vão, elas são a pátria, vês o sol que algumas vezes está, outras não, ele é a pátria, vês aquele renque de árvores (...), elas são a pátria(...)⁸

Ciências e artes transitam, assim, em movimentos sem fronteiras. Sentir e pensar, entregues, sem pressa, aos caminhos do vento⁹....

Romper o deserto que nós mesmos construímos. Eis, assim, a lição de Hannah Arendt: “(...) a nossa única esperança a saber: que não somos do deserto, embora vivamos nele, podemos transformá-lo num mundo humano”¹⁰.

Refazer a vida - do individual ao coletivo - pressupõe que se tenha sensibilidade para perceber o outro para além de sua aparência. Aqui, a poesia firme de Raimundo Correia:

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!¹¹

⁶ MEIRELES, Cecília. Murmúrio. In: *Viagem: vaga música*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982. p.34.

⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Vera Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 189.

⁸ SARAGAMO, José. *A viagem do elefante* . Lisboa: Caminho, 2008. p. 61.

⁹ Jean Duvignaud usa a expressão “ capricho dos ventos”. Cf. DUVIGNAUD, Jean. *A solidariedade: laços de sangue, laços de razão*. Tradução de Vasco Casimiro. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. p. 201.

¹⁰ ARENDT, Hannah. . *A promessa da política*. Trad. Pedro Jogensen Jr. 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.p.266.

¹¹ CORREIA, Raimundo. *Mal secreto*. In: Melhores poemas de Raimundo Correia. 2ed. São Paulo: Global, 2001.p.49.

O deserto que a filosofia política de Hannah Arendt quer ultrapassar não se aproxima do mergulho introspectivo de Raimundo Correia? Penso que sim! Não tenho dúvidas que sim! Só se ultrapassando as aparências, atravessa-se o longo deserto.

A propósito de temas da inquieta pós-modernidade, valem algumas reflexões sobre a questão ambiental. Lembro, de imediato, as instigantes palavras de Clarice Lispector:

É tão engraçado, mamãe, descobrir que a natureza não é suja. Quer ver esta árvore? Está toda cheia de cascas e pedaços, e não é suja. Mas esse carro, só porque tem poeira, está sujo mesmo.¹²

É, há de fato uma imensa diferença entre a poeira que a natureza deixa pelas estradas e aquelas que são espalhadas pelos bens de consumo... Alguns, aliás, inteiramente supérfluos.

Aqui, mais um encontro entre ciências e artes. O físico Marcelo Gleiser adverte:

Precisamos abraçar os ensinamentos de uma nova visão científica do mundo, onde o poder criativo da Natureza reside nas suas imperfeições, e não na sua perfeição: onde a vida, e mesmo a nossa existência, é frágil e preciosa.(...) Sei que a transição não será fácil. Teremos que confrontar com muita humildade a verdadeira dimensão da nossa existência, num cosmos indiferente à nossa presença. Por sermos pequenos e frágeis, somos únicos e preciosos, agregados de átomos inanimados capazes de reflexão. Em apenas alguns milênios, nos desenvolvemos a ponto de hoje poder mudar o curso da história do nosso planeta e, portanto, o da nossa também. A coexistência do nosso poder destrutivo com a fragilidade do nosso planeta é precária. A humanidade encontra-se numa encruzilhada. As decisões que tomaremos nas próximas décadas definirão o futuro da nossa espécie e o da nossa casa planetária. Apesar de a estrada ser longa, o primeiro passo é simples: entender que nada é mais importante do que a preservação da vida.¹³

¹² LISPECTOR, Clarice. A nossa natureza, meu bem. In: *Para não esquecer*: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.31.

¹³ GLEISER, Marcelo. *Criação imperfeita*. 2ed. Rio de Janeiro; Record, 2010. p. 27.

É preciso, assim, olhos que ultrapassem a cegueira da visão, como ensinava Saramago ¹⁴. Instantaneamente, realço as palavras do escritor Ferreira Gullar:

Viver na Terra é ouvir
entre outras vozes
o marulho
do mar salgado e azul
ouvir a ventania a rasgar-se nos galhos
antes do temporal

só aqui
neste planeta é que
se pode escutar teu límpido gorjeio,
passarinho,
pequenino cantor
da praça do Lido. ¹⁵

Literatura e física: palavras e números... Até quando permaneceremos inertes?

É preciso, delicadamente, perceber as sombras entrepostas pela luz. Ensina o filósofo italiano Giorgio Agamben: “Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo”¹⁶. Pode parecer curioso, mas, de logo, me veio à lembrança a arte mitológica, onde Faetonte, buscando a prova de sua filiação divina, quis dirigir o “carro do sol”, mas encandecido, caiu em chamas, “de cabeça para baixo, como uma estrela cadente que marca o céu com seu brilho enquanto cai...”¹⁷.

Em que pese a necessidade de se democratizarem os frutos das produções intelectuais, lembro, por fim, que é preciso, também, manter-se a áurea dos processos criativos nas ciências e nas artes, conforme ensina Walter Benjamin:

¹⁴ Cf. SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo : Companhia das Letras, 1995

¹⁵ GULLAR, Ferreira. O som. In: *Em alguma parte alguma*. 4ed. . Rio de Janeiro. José Olympio, 2010. p.88

¹⁶ AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Marcos Vinícios Nicastro Honesko (Trad.). Chapecó- SC: Argos, 2010. p.64.

¹⁷ BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia : história de deuses e heróis*. David Jardim (Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p.54.

Mesmo à mais perfeita reprodução falta um elemento: o aqui e agora da obra de arte – sua existência única no local onde se encontra. [...]

O aqui e agora do original constitui o conceito de sua autenticidade e sobre o fundamento desta encontra-se a representação de uma tradição que conduziu esse objeto até os dias de hoje como sendo o mesmo e idêntico objeto.¹⁸

Ciências e artes, lado a lado.....

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. p. 17-19.